

“SUBMISSÃO FEMININA”: FAZENDO DO TABU UM PROBLEMA FILOSÓFICO FEMINISTA

(Resenha do livro: GARCIA, Manon. *On ne naît pas soumise, on le devient* [Ebook]. Paris, Climats, 2018. / *Não nascemos submissas, nos tornamos*. Editora Subta, 2020).

Há um certo mal-estar em se aperceber, em se flagrar – enquanto mulher independente e feminista – desejando ser objeto do olhar do outro, sentindo prazer nas tarefas domésticas ou deliciando-se ao se olhar, satisfeita, no espelho. Nesse mal-estar, habita, por assim dizer, um turbilhão de entrelaçamentos entre os condicionamentos sociais e as disposições individuais, no qual o se afirmar feminista aparece como uma negação do que, historicamente, foi definido como o “ser-mulher” – o não-sujeito, o outro-absoluto, que, por natureza, seria um ser *submisso*. Nesse *flagrar-se*, o mal-estar advém do se aperceber, aparentemente, em contradição. Desejos, prazeres e delícias de tais tipos seriam, de fato, irreconciliáveis com os diferentes valores feministas? Para fazer-nos pensar a respeito de questões como essa, Manon Garcia, em seu livro *On ne naît pas soumise, on le devient* [2018] (*Não nascemos submissas, nos tornamos* [2020])¹, busca analisar o conceito de submissão e examinar as aparentes contradições vividas pelas mulheres, à luz da filosofia e, em especial, da filosofia de Simone de Beauvoir.

Longe de querer dar respostas e colocar pontos finais, o seu objetivo, no decorrer de seus nove capítulos, é duplo. *Primeiro*, fazer-nos refletir acerca de um tema complexo que, no geral, segundo ela, permaneceu um tabu filosófico [*tabou philosophique*], ao longo da história da filosofia, elaborada tanto por homens quanto por mulheres feministas. Enquanto estas “dizem pouco ou nada sobre a submissão feminina” (p. 11 / p. 11), aqueles “ignoraram o fato de que algumas pessoas podem querer obedecer à outra pessoa e tirar proveito disso” (p. 12 / p. 13). Para ela, do ponto de vista da filosofia clássica, sobretudo, da filosofia política, a submissão foi considerada uma atitude contra a natureza humana – cuja disposição natural seria a de querer a liberdade – sendo identificada, muitas vezes, como uma falha ou erro moral; e do ponto de vista da filosofia feminista, um destino imposto pela estrutura androcêntrica e patriarcal. Em ambos, o problema não teria sido, de fato, tocado. A submissão aparece como um mal *a*

¹ No decorrer desta resenha, utilizaremos a seguinte estrutura de citação da obra (número da página do livro no original / número da página da tradução).

priori. Segundo, defender, às francesas e aos franceses, que Simone de Beauvoir foi uma filósofa, por direito próprio, considerando que ela “é mundialmente conhecida, comentada, trabalhada, em todos os lugares, exceto na França, onde geralmente aparece como a companheira austera de Sartre e às vezes como uma autora de sucesso” (p. 24 / p. 29-30).

Ambos os objetivos são interdependentes, tendo como ponto de encontro *O segundo sexo* [1949], de Simone de Beauvoir. Para Manon Garcia, essa obra pode ser compreendida como uma forma de ironia da história [*forma d'ironie de l'histoire*]. Nela, encontramos não somente a história desde um ponto de vista da exterioridade, isto é, dos valores mundanos estabelecidos, no geral, por homens (primeiro volume), mas também desde um ponto de vista da experiência vivida das mulheres (segundo volume). Colocados juntos, no seio dessa justaposição eclode uma ironia, que revela uma contradição – ou uma mistificação – que expressa o paradoxal da experiência da mulher no mundo: é um ser humano sem ter o direito pleno de agir, genuinamente, como um. Condição feminina e condição humana, na situação da mulher, surgem como uma contradição. Isso porque, ao falar de condição humana, Simone de Beauvoir está se referindo, entre outras coisas, à condição de ser uma liberdade; e ao descrever a condição da mulher, esta se revela, em muitos aspectos, uma negação daquela. E quando descreve a experiência das mulheres no mundo, sem utilizar como critério a experiência dos homens, Simone de Beauvoir, ao ver de Manon Garcia, torna possível uma compreensão da submissão a partir da submissa, emanando ambiguidades, contradições, paradoxalidades, complexidades. Ela seria uma das exceções dentro da história que fez da submissão um tabu: tocou-a, transfigurando-a em um problema filosófico, de um modo revolucionário: não olhou para a pessoa submissa somente a partir da estrutura dada, mas também a partir de seu próprio experienciar dessa estrutura. Em *O segundo sexo*, há uma apresentação das mulheres a partir de si mesmas.

Isto posto, é-nos permitido explicitar a perspectiva de análise adotada por Manon Garcia. À diferença da tendência geral que buscou estudar a submissão mediante a dominação, adotando uma “visão de cima para baixo”, a do dominador ou da estrutura, ela pretende realizar um movimento inverso. Sua perspectiva consiste em adotar uma “visão de baixo para cima” – enxergar a submissão por meio da experiência da pessoa submissa – daquela que *se submete*. E ao falar em *submisso* [*soumis*], ao invés de *dominado* [*dominé*], sua intenção é reverter o ponto de vista sobre o poder. O conceito de submissão, diferente do de dominação, a seu ver, permite-nos uma explicitação da complexidade da situação por meio da qual surge a atitude de submissão, que se define como “uma atividade a partir da passividade” (p. 21 / p. 26). O primeiro problema,

porém, que esse conceito revela é uma ambivalência que atravessou a história da filosofia, diagnosticada também por Simone de Beauvoir. Se, no geral, para os filósofos, a submissão seria uma falha moral, para as mulheres, segundo eles, ela seria uma disposição natural. E sendo algo natural, não haveria espaço para a moralidade e, por consequência, para modificação. A submissão, no caso da mulher, não seria uma “falha”, mas um viver segundo a sua “natureza”. Ser “mulher” significaria ser “submissa”. Em resposta a esse problema, uma tradição de filósofas feministas argumentou, defendendo *uma* perspectiva construtivista da diferença sexual, que a mulher não seria submissa, mas condicionada a sê-lo. Todavia, segundo Manon Garcia, essa perspectiva, que tende a olhar a mulher somente a partir da exterioridade, da estrutura do dominador, não seria suficiente para entendermos o fenômeno da submissão – que não possui o mesmo significado do de dominação. A submissão, segundo ela, seria “*no mínimo, o resultado de uma vontade de não resistir ativamente à dominação*” (p. 22 / p. 27, *grifo da autora*) – o que envolveria analisar tanto o ponto de vista da exterioridade quanto da subjetividade. E, por essa razão, *O segundo sexo* – sem defender nem o essencialismo e nem o construtivismo – ao apresentar uma análise fenomenológica da experiência das mulheres, surgiu-lhe como um caminho promissor para a compreensão do fenômeno da submissão feminina.

Para compreendermos, pois, a submissão feminina, conforme a perspectiva da autora, precisamos reconhecer e problematizar a cumplicidade feminina, que contribuiu e contribui para a reprodução da dominação androcêntrica e patriarcal. A mulher não é somente efeito. Esse ponto – sensível a muitos feminismos – é um problema que, sem ser, necessariamente, misógino, precisa ser reconhecido, a partir de um ponto de vista feminista, a fim de explicitar a condição humana da mulher e negar, por consequência, a hipótese do eterno feminino. Em uma palavra, precisamos converter o tabu da submissão em um problema filosófico feminista. Ao longo de seu livro, Manon Garcia, retomando Simone de Beauvoir, desenvolve essa ideia geral. E concordando com a filósofa francesa, ela chega à conclusão de que não é devido nem a uma disposição natural e nem a um condicionamento social, por completo, que as mulheres se tornaram submissas, mas por causa de sua situação, que envolve um reconhecimento tanto da facticidade quanto da liberdade. E, nessa situação, haveria uma relação interdependente entre as estruturas sociais e as disposições individuais. No caso em específico, “a submissão nem sempre é experimentada como uma renúncia à liberdade e às vezes aparece como um caminho para infinitas delícias” (p. 108 / p. 165). Isso não significa, é-nos importante enfatizar, que a mulher, de saída, escolheria a submissão – que ela seria a única responsável pela sua situação – e sim que, por meio de sua situação, a submissão apareceria como uma escolha, que nem

sempre é vista como ruim, a seus próprios olhos. É claro, disso surge um outro problema, que a própria Manon Garcia apontou como uma das consequências da problematização da submissão: o consentimento.

O que levaria, afinal, uma mulher a consentir com sua submissão? Por que as mulheres, à diferença dos homens, tendem mais à submissão do que à liberdade? Por causa de sua situação, nos respondeu Manon Garcia, à luz de Simone de Beauvoir. A submissão na situação das mulheres – diferente da situação, no geral, dos homens – aparece como um destino. Para uma mulher, *submeter-se* não significa escolher, de maneira ativa, a submissão, mas aceitar a estrutura dada, passivamente. “Submeter-se consiste simplesmente em não fazer nada contra esse destino, em deixar as normas sociais e, portanto, os homens que as governam, decidirem” (p. 131 / p. 202). Nessa aceitação da submissão, a mulher, em alguns casos, seria recompensada, de modo que as suas razões para o seu consentimento seriam baseadas em uma análise de custo-benefício. Essa constatação, indica-nos a autora, não deve nos conduzir ao escândalo ou ao desespero. A análise beauvoiriana do consentimento feminino, a seu ver, longe de querer culpabilizar as mulheres, visa, por meio da compreensão da situação da mulher, indicar um caminho para a emancipação. As mulheres seriam responsáveis pela renúncia da assunção de sua condição de liberdade, não pela situação de submissão que tornou razoável essa renúncia. E essa situação, sendo um destino histórico, não é absoluta e nem natural. E não sendo absoluta e natural, torna-se passível de ser modificada. “É devido às condições econômicas, sociais e políticas particulares que as mulheres consentem em sua submissão” (p. 132 / p. 204). E desse consentimento individual e, por conseguinte, subjetivo – que pode converter a submissão em um prazer e em algo benéfico – não se segue que a submissão, do ponto de vista da exterioridade e geral, seja definida como boa.

Considerando a complexidade de nosso mundo e das relações humanas feministas e não-feministas, a obra de Manon Garcia se revela indispensável. Em sua análise, como é-nos possível indicar, brevemente, ela busca *revestir a mulher de sua condição humana – o que inclui revesti-la de ambiguidades, contradições e obscuridades, negando, uma vez mais, a ideia de que existiria A mulher*. Sem ser ingênua, a sua abordagem, como um todo, explicita que a mulher é, antes de tudo, uma *questão*. Nesse movimento, traz à tona também uma leitura profunda e relevante de *O segundo sexo*, para além do “senso comum erudito” que orbita o ensaio. Como Simone de Beauvoir, ela assumiu a sabedoria, não raramente esquecida hoje, de que as questões precedem as respostas. Além disso, a sua defesa de Simone de Beauvoir como filósofa, por direito próprio, é atual e, dentro de certos limites, aplica-se também ao contexto brasileiro.

No que concerne a sua leitura específica da filosofia beauvoiriana, ela, por um lado, é coerente e revela, de modo minucioso, nuances importantes da perspectiva de Simone de Beauvoir, pouco conhecidas no Brasil – que não tem, no geral, a tradição de ler o ensaio de 1949 como um ensaio fenomenológico – como a ideia de que a mulher experienciaria o seu corpo como um corpo-vivido-objetificado; e por outro, comete algumas imprecisões de ordem conceitual advindas de um problema de método, muito comum nos estudos beauvoirianos, que se caracteriza pela redução da obra da filósofa ao *O segundo sexo* e o pressuposto androcêntrico de lê-la *a partir de* outras filosofias, filosofias de homens².

Ironicamente, a sua perspectiva, que nos parece bastante promissora, de olhar para o fenômeno de “baixo para cima” não foi, em exato, aplicada em relação a Simone de Beauvoir. Ela leu *O segundo sexo* em contraposição e em comparação a Sartre, cuja filosofia foi reduzida ao *O ser e o nada*, e pela afirmação da influência de Hegel, Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, sem retomar, de maneira minuciosa, os primeiros ensaios beauvoirianos que são condição para compreendermos o ensaio de 1949. Quando traz *Por uma moral da ambiguidade*, busca explicar, em diferentes momentos, as concepções beauvoirianas a partir da filosofia de Sartre. Essa atitude se trata de um problema de método, que explicitamos em um outro estudo³. O problema não se situa, exatamente, na relação de influência, mas na *forma* por meio da qual essa relação foi estabelecida. Por exemplo, ainda que o conceito beauvoiriano de situação – essencial para a sua análise – seja fundamentado no conceito beauvoiriano de ambiguidade, que permite explicitar a ideia de que a experiência humana é, simultaneamente, singular e genérica, individual e social, Manon Garcia o “explicitou”, *fundamentalmente*, a partir do conceito heideggeriano de *Dasein*. É possível encontrar outros exemplos análogos, no decorrer do texto. Ao defender e estudar, portanto, a filosofia de Simone de Beauvoir, Manon Garcia o fez elaborando e reproduzindo interpretações que, paradoxalmente, tornam-na ainda uma filósofa-satélite. O que não invalida a sua leitura, mas tão somente aponta para os seus limites e as suas possibilidades.

Josiana Barbosa Andrade

PPG-FIL Universidade Federal de Pelotas

² A respeito desse ponto, ver: “Um retorno a Simone de Beauvoir: estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana [2022], por Josiana Andrade.

³ *Iidem, ibidem.*

Referências

- ANDRADE, J. “Um retorno a Simone de Beauvoir: estudo do drama da coexistência à luz da gênese e estrutura da filosofia beauvoiriana”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Pelotas: UFPel, 2022.
- GARCIA, M. *On ne naît pas soumise, on le devient* [Ebook]. Paris: Climats, 2018.
- _____. *Não nascemos submissas, nos tornamos*. Tradução da Editora Subta. Editora Subta, 2020.

Email: josyyandrade17@gmail.com

Recebido: 08/2022

Aprovado: 10/2022